

PERCURSOS MIGRATÓRIOS E IDENTITÁRIOS NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: APROXIMAÇÕES ENTRE AMERICANA DE CHIMAMANDA ADICHIE E AZUL CORVO DE ADRIANA LISBOA

Luciane Alves

Submetido em 25 de maio de 2018.

Aceito para publicação em 14 de novembro de 2018.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 57, novembro de 2018. p. 194- 208

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

**PERCURSOS MIGRATÓRIOS E IDENTITÁRIOS
NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS:
APROXIMAÇÕES ENTRE *AMERICANAH* DE
CHIMAMANDA ADICHIE E *AZUL CORVO* DE ADRIANA
LISBOA**

**MIGRATORY AND IDENTITY MOVEMENTS IN
CONTEMPORARY NARRATIVES: APPROACHES
BETWEEN *AMERICANAH* BY CHIMAMANDA ADICHIE
AND *CROW BLUE* BY ADRIANA LISBOA**

Luciane Alves*

RESUMO: A onda migratória atual, um dos principais temas deste século, traz consigo grandes complexidades. Na ficção contemporânea, são frequentes as personagens com identidades fragmentadas, entre outras situações de ruptura e deslocamento presentes nas narrativas. A partir disto, pretende-se analisar a formação identitária de mulheres migrantes na literatura, autoras e personagens protagonistas. Uma das hipóteses desenvolvidas é que, em cenários sociais onde o machismo é muito presente, as dificuldades advindas da migração são mais evidentes, devido ao fator de discriminação de gênero, que pressupõe estranheza, desde a cultura de origem. Nesta análise, procura-se estabelecer aproximações entre *Americanah* de Chimamanda Adichie e *Azul Corvo* de Adriana Lisboa, romances cujas protagonistas vivem experiências de formação identitária e migração nos Estados Unidos.

PALAVRAS-CHAVE: migração; literatura; Chimamanda Adichie; Adriana Lisboa.

RESUMEN: La ola migratoria actual, uno de los principales temas de este siglo, supone gran complejidad. La ficción contemporánea a menudo presenta en sus narrativas personajes con identidades fragmentadas, entre otras situaciones de ruptura y desplazamiento. A partir de eso, se busca analizar la formación identitaria de mujeres migrantes en la literatura, autoras y personajes protagonistas. Una de las hipótesis encontradas es que, en contextos sociales donde el machismo es muy presente, las dificultades del proceso migratorio son más evidentes, a causa de la discriminación de género, que presupone extrañeza desde la cultura de origen. En este análisis, se busca establecer aproximaciones entre *Americanah* de Chimamanda Adichie y *Azul Corvo* de Adriana Lisboa, novelas cuyas protagonistas viven experiencias de formación identitaria en Estados Unidos.

KEYWORDS: migration; literature; Chimamanda Adichie; Adriana Lisboa.

Na história humana, sempre existiu o deslocamento, mas a onda migratória que marca nosso século – e que até mesmo podemos considerar como o grande tema destas primeiras décadas dos anos 2000 – traz consigo uma complexidade talvez nunca vista. O que marca a diferença em relação ao passado, como afirma Edward Said (2003), são as proporções e o tipo de políticas imperialistas e ambições de governos totalitários que contribuem para que esta seja “a era do refugiado, da pessoa deslocada, da migração em massa” (SAID, 2003, p. 47).

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, Mestra pela mesma instituição, bolsista CAPES, lucianesalves@gmail.com.

Além do deslocamento físico, forçado ou por escolha, a própria ideia de migração possui um sentido mais amplo em nossa época, pois não pressupõe apenas uma mobilidade territorial; “as grandes navegações” do mundo atual podem acontecer dentro de casa, através da internet, da importação de produtos, da hibridez cultural, entre outras possibilidades. Esse panorama tem proporcionado discussões importantes sobre o tema da identidade e das identificações no campo dos Estudos Literários, pois não são raras as personagens que apresentam identidades diaspóricas na ficção contemporânea.

Os estudos de Stuart Hall, um dos principais teóricos sobre o tema das identidades, apontam para o fato de que as identidades e as identificações fazem parte de um sistema de articulação, sendo posicionais e cambiantes, nunca fixas. Segundo Hall (2008), a identificação está sujeita ao jogo da *différance*, “ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui” (HALL, 2008, p. 106). O processo de identificação está fundamentado na fantasia e na projeção, visto que a identificação “não é aquilo que prende alguém a um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido” (HALL, 2008, p. 107).

A noção de uma identidade não essencialista entra em choque com o discurso utilizado pelo nacionalismo, que afirma o pertencimento cultural baseado em um núcleo mais forte do que as diferenças, que uniria os sujeitos pertencentes à determinada comunidade. Tal discurso sustenta-se na convicção de imutabilidade e em *verdades*, enraizadas tanto na história quanto na biologia, o que justificaria o sentimento de pertença ao local.

Os elementos deslocados e estrangeiros são importantes símbolos da marcação da diferença, evidenciando a falácia dos discursos de homogeneidade que buscam o apagamento da diversidade. Em *Estrangeiros para nós mesmos*, Julia Kristeva (1994) mostra como a presença de um sujeito estranho ao espaço provoca rupturas e questionamentos profundos na cultura e nos próprios sujeitos. A autora observa o fato de que a posição de “outro” causa uma provocação e, com isso, impele o confronto, ocasionando uma ruptura na estabilidade das significações do grupo, dando lugar a um processo de ressignificação coletiva. A identidade fragmentada do sujeito uma e outra vez pede para reestruturar-se e refazer-se do mesmo modo que pede que a identidade do grupo também se refaça, causando um abalo nas bases consideradas estáveis pela comunidade.

No projeto de tese que integra essa análise, parte-se deste cenário para analisar, entre outros aspectos, a formação identitária de mulheres migrantes na literatura, autoras e personagens protagonistas que vivem a situação de deslocamento. Uma das hipóteses é que, em cenários sociais, onde há muitas diferenças de gênero, devido a culturas patriarcais machistas ainda muito presentes, o deslocamento vivido pelas mulheres em contexto migrante é ainda mais simbólico, pois é acentuado o fator de discriminação de gênero, que por si só pressupõe uma estranheza, uma ‘estrangeiridade’ já na cultura de origem. A mulher é o “outro” e, em sua formação identitária, há sempre uma fronteira a ser cruzada para pertencer.

Nessa perspectiva de análise, destacam-se, a nível mundial, as autoras Chimamanda Ngozi Adichie, que lança luz à temática do deslocamento principalmente em *Americanah*, bem como em falas e textos ensaísticos nos quais a autora discute feminismo e estereótipo, e Najat El Hachmi, que aprofunda os temas de língua, nação e pertencimento. Na literatura brasileira, temos Paloma Vidal, Tatiana Salem Levy e Adriana Lisboa, em cujas obras predominam os temas memória, identidade e deslocamento. Na presente análise, procuro estabelecer aproximações entre *Americanah*, de Chimamanda Adichie, e *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa, dois romances

nos quais as protagonistas vivem experiências de formação identitária e processos de migração em diferentes regiões dos Estados Unidos.

1. Sobre as autoras

Ambas as autoras Chimamanda Ngozi Adichie e Adriana Lisboa vivem pessoalmente a experiência da migração. Embora, em nenhum dos casos, haja a escrita de obras autobiográficas, podemos encontrar alguns aspectos que aproximam as autoras dos temas e das vivências das personagens de suas obras. As relações entre os elementos biográficos e ficcionais não têm, nesta reflexão, o objetivo de encontrar chaves de leitura ou respostas para a obra, mas pensar em temas que extrapolem o nível ficcional e abarquem outros níveis do universo literário – como o processo de escrita, publicação e tradução –, os quais possam nos ajudar a aprofundar a ideia de migração e deslocamento, propiciando outros olhares sobre o assunto.

Tanto as escritoras Chimamanda Adichie e Adriana Lisboa quanto suas próprias escritas são exemplos do que Ottmar Ette (2008) chama de espaço “desfronteirizante”, um lugar que oscila entre os diferentes elementos culturais, territoriais ou linguísticos – próximos e alheios –, capaz de estabelecer diálogos entre diferentes culturas de forma profunda e questionadora e de romper com as fronteiras tradicionais das literaturas nacionais ao estabelecer possibilidades de “escritas em movimento”. De acordo com o teórico, esta ideia refere-se a textos literários “que desacatan o subvierten las fronteras establecidas” (ETTE, 2008, p. 67), uma dinâmica de escrita que ultrapassa fronteiras em diversos níveis e contextos e que “debe representar a través de su propia dinámica un mundo en movimiento” (ETTE, 2008, p. 67).

Ottmar Ette (2015) ainda defende a ideia de reespecialização da literatura, um contexto de movimento que permita uma visão de literatura como vetorizada, ou seja, capaz de estabelecer novas ligações por meio de movimentos migratórios em diferentes planos, transportando conhecimentos transculturais que se relacionam com as condições do cenário geopolítico e cultural, num desdobrar de escritas e narrativas específicas e dinâmicas. Ainda que as fronteiras multipliquem-se ainda mais com a crise e a dissolução dos espaços nacionais e nacional-culturais supostamente homogêneos, elas não são mais vistas como inatingíveis ou, no melhor dos casos, ultrapassadas na consciência de uma identidade “própria” e estável, mas, sim, marcadas em sua diversidade (ETTE, 2015, p. 248).

Na literatura contemporânea, tais trânsitos e migrações aparecem de diferentes formas: os autores, em algumas vezes, estão em posição de estrangeiros no local onde residem, como é o caso das autoras analisadas, e, em outras, permeiam diferentes culturas apenas no universo literário. Todas estas experiências contribuem a seu modo com a narrativa e problematizam o lugar da literatura nacional, tema tão discutido no meio comparatista, como no caso dos estudos de Ette, assim como nos trabalhos de Pierre Ouellet (2013), com a ideia de escritas migrantes.

Para Ouellet (2013), a literatura migrante não se refere necessariamente a um texto escrito por autor em situação de deslocamento, mas a um tipo de narrativa que recupera temas e referências de diferentes culturas. Na obra de Adriana Lisboa, é possível encontrar exemplos disso, pois, em suas narrativas, há tanto a ficcionalização de culturas alheias quanto relatos de situações próximas às vivenciadas por ela em espaços fora do Brasil. Assim como os sujeitos, é possível pensar, portanto, que as literaturas também podem ocupar um entre-lugar, diaspórico e híbrido, no qual não é tão simples recorrer a classificações.

A importância desta onda de textos migrantes é evidente no cenário literário, e prova disto é o número de obras e autores premiados e reconhecidos pela abordagem dos diferentes temas relacionados à mobilidade. A obra de Adriana Lisboa, por exemplo, tem recebido grande destaque no cenário literário brasileiro e internacional, com boa recepção crítica e premiações, como o prêmio José Saramago, o Moinho Santista e o Prêmio de Autor Revelação da FNLIJ. A autora publicou treze livros, entre os quais romances, poesia, contos e narrativas para crianças e jovens, com obras traduzidas em 17 países. A maior parte de suas personagens apresenta identidades fluidas e muitas vivências de deslocamento, vividas também pela escritora, que já morou na França e no Japão e atualmente está entre os Estados Unidos e o Brasil. Adriana, ainda, relaciona-se com o ambiente acadêmico das Letras e das Artes. Sua formação inicial é um bacharelado em Música e, posteriormente, um mestrado e doutorado na área de Literatura, trabalhando como pesquisadora em diferentes universidades dos Estados Unidos e do Japão. Todas estas experiências, de alguma forma, contribuíram para sua escrita, em que vivências entre diferentes mundos e as relações interculturais aparecem com frequência.

Algumas relações possíveis entre a vida de Adriana Lisboa e a obra *Azul Corvo* inspiraram o documentário *Lisboa*⁶⁷, dirigido pelo cineasta argentino Eduardo Montes-Bradley. As filmagens foram feitas na região próxima a Boulder, no Estado do Colorado, Estados Unidos, cenário de parte da narrativa de *Azul Corvo* e residência atual da autora. Ao acompanharmos Adriana Lisboa dirigindo seu carro pela grandiosa paisagem nevada do Colorado, enquanto conta parte de sua biografia, é possível recordar os deslocamentos da personagem Vanda à procura de seu passado e a emocionante viagem em busca do pai biológico e de suas próprias origens. Em um momento da entrevista, Adriana explica que “azul corvo” significa uma forma de se relacionar com os lugares – uma cor que tem a ver com o mundo natural, mundo das conchas e dos corvos, lugares misteriosos por descobrir.

Assim como Adriana Lisboa, Chimamanda Ngozi Adichie descreve, em *Americanah*, cenários próximos aos de sua vivência biográfica. A autora cresceu na cidade universitária de Nsukka, onde se situa a Universidade da Nigéria, que é também o primeiro centro de estudos superiores frequentado por Ifemelu, protagonista do romance. Aos dezenove anos, Chimamanda deixou a Nigéria e mudou-se para os Estados Unidos para estudar Comunicação e Ciência Política na Universidade Drexel, na Filadélfia. Posteriormente, fez estudos de Escrita Criativa na Universidade Johns Hopkins, de Baltimore, e mestrado em Estudos Africanos na Universidade Yale – cidades e centros universitários também citados na narrativa e com os quais Ifemelu se relaciona.

Chimamanda recebeu diversos prêmios por seus romances e contos, como o Commonwealth Writers e o Orange Prize. *Americanah* foi o ganhador do National Book Critics Circle Award for Fiction, em 2013. Além disso, a autora também deu algumas importantes palestras, entre elas, sua fala no TED⁶⁸, *Os perigos da história única*⁶⁹, de

⁶⁷ O vídeo está disponível no site *Vimeo* através do link <<https://vimeo.com/37715421>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

No site da Agência Riff, representante de alguns autores brasileiros, entre os quais Adriana Lisboa, há mais informações sobre o documentário: <<http://www.agenciariff.com.br/site/NoticiaEntrevista/ShowNoticia/190>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

⁶⁸ TED é uma organização mundial que promove conversas nas quais a intenção é dividir experiências de transformações do mundo. Seus eventos são promovidos de forma independente. Em sua página na *web* (www.ted.com) estão disponíveis vídeos das palestras, alguns deles com legendas em português brasileiro.

2009, cuja repercussão a tornou conhecida no Brasil. Nessa fala, Chimamanda Adichie parte de algumas experiências pessoais para mostrar como a manutenção dos estereótipos, as “histórias únicas”, leva ao desconhecimento de outras realidades devido à incompletude que os caracteriza.

De maneira humorada e crítica ao mesmo tempo, a autora conta na palestra a história de uma colega de quarto que pediu para ouvir a “música tribal” da região em que ela nasceu e ficou desapontada quando Chimamanda pegou uma fita de Mariah Carey. Além disso, quando publicou seu primeiro livro, foi criticada por um professor que afirmava que seu romance não era “autenticamente africano”, por não apresentar personagens famintas, mas, pelo contrário, protagonistas que levavam uma vida muito parecida com a da classe média ocidental. Estes temas aparecem nos romances *Hibisco Roxo* (2003) e *Meio Sol Amarelo* (2006), mas é em *Americanah* (2013) que a questão do estereótipo é apresentada de forma mais profunda, devido às interações e tensões entre culturas mostradas na narrativa.

2. Percursos narrativos e identitários

Os romances *Azul Corvo* e *Americanah* apresentam temas e situações que permitem aproximações entre eles, ainda que sejam advindos de contextos diferentes. No primeiro, a história é contada pela narradora-protagonista Evangelina, ou Vanja, já com 22 anos, que descreve a época de seus 13 anos, enquanto em *Americanah* os fatos são contados em uma narração onisciente neutra que recupera fragmentos do passado que são intercalados com o presente da protagonista. Em ambos os romances, conhecemos paralelamente as histórias de personagens coadjuvantes: Fernando, em *Azul Corvo*; Ibinze, em *Americanah*. Através de narrativas do passado ou das memórias das personagens, vamos acompanhando seus processos de construção identitária, como o encaixe de inúmeras peças de um quebra-cabeça. As duas protagonistas e seus coadjuvantes são personagens marcadas pelo deslocamento.

2.1 Vanja

Evangelina, desde o nascimento, está em um entre-lugar. Nasce nos Estados Unidos, filha de uma migrante brasileira que retorna ao Rio de Janeiro quando a filha tem apenas dois anos. Aos treze anos, após a morte da mãe, Vanja decide voltar aos Estados Unidos em busca do pai desconhecido, ficando sob a responsabilidade de Fernando, outro brasileiro migrante, ex-marido da mãe que a registrou no nascimento.

Podemos pensar que a identidade de Vanja é uma identidade em diáspora, conceito que se refere às “identidades que não têm uma ‘pátria’ e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte” (WOODWARD, 2004, p. 22, grifo no original). A busca pelo reconhecimento do eu e principalmente de sua origem ocorre através da memória e da ressignificação das memórias de outras personagens. Para que Evangelina possa formar sua ideia de “eu”, precisa buscar os fragmentos perdidos da memória através das histórias dos outros. Em certa passagem, ao imaginar as inúmeras possibilidades de vida, de imagens e formas que seu pai biológico pode ter, utiliza a expressão “diáspora de um homem só” (LISBOA, 2014, p. 130) – e assim é seu próprio “eu”, espalhado entre fragmentos de outras histórias.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br>. Acesso em: 11 nov. 2018.

O encontro com o pai, no qual estava depositado o desejo de volta à origem, gera uma frustração semelhante à do retorno de um exilado ao país de nascimento. O lugar para onde voltamos nunca será o que deixamos para trás; não há volta para casa, e, sim, a construção de um espaço novo, no qual seja possível fundir as diferentes vivências experimentadas. Para Stuart Hall (2008, p. 415), a experiência diaspórica é uma “chegada sempre adiada” justamente pelo fato de que a junção das partes que constituem uma identidade fragmentada será sempre diferente da que as originou, pois é a formação de algo novo, assim como uma comunidade formada a partir da diáspora. No caso de Vanja, a *verdadeira pátria* é encontrada exatamente no entre-lugar que é Fernando: ele não é a origem, mas é quem lhe dá outra nacionalidade e um lar.

Sabemos que a identidade nunca é fixa, é sempre móvel e está em processo permanente de construção e reconstrução através dos diferentes elementos de identificação. No entanto, quando há um processo de mobilidade, em um território físico e cultural, a oferta desses elementos é maior e pode gerar uma fragmentação mais profunda do eu, devido à falta de definições. A fluidez identitária na migração, muitas vezes, ocasiona processos de desenraizamento tão intensos a ponto de gerar traumas, justamente pela falta de elementos que nos definam e nos ajudem a criar a representação do que somos.

No caso de Vanja, a chegada aos Estados Unidos marca o início de um ciclo de formação identitária. Para ela, a viagem não é apenas um deslocamento territorial, mas um percurso em busca de si mesma. Ela é uma personagem já desenraizada pela falta de conhecimento sobre alguns temas fundamentais de seu passado, e o deslocamento torna-se uma tentativa de criação ou recriação de si. Trata-se de um verdadeiro recomeço, assim como foram os deslocamentos de sua mãe, Suzana, e de Fernando. Em uma passagem, Vanja cita esse movimento como símbolo de um início: “O ano começa em julho. Não exatamente quando o oficial da imigração verificou o meu passaporte americano (que me identificava, mas com o qual eu ainda não me identificava). O ano começou semanas antes, quando Fernando me telefonou.” (LISBOA, 2014, p. 19).

O fragmento destacado da narrativa é bastante significativo, pois mostra como os elementos sociais de identificação nem sempre correspondem à autorrepresentação dos sujeitos. O passaporte americano não representava até então um elemento de autoidentificação para Vanja, embora já esteja anunciado que, posteriormente, isso mudará. Como vimos antes, os elementos de identificação não são fixos e, por isso, podem sofrer alterações ao longo do tempo. No caso de Evangelina, que nasce nos Estados Unidos mas vai para o Brasil muito pequena, podemos pensar que os elementos de identificação nacional continuam sendo múltiplos ou sofrem alternâncias ao longo de diferentes etapas de sua vida.

Quando volta aos Estados Unidos, Vanja não se considera estadunidense, pois, apesar de em seu passaporte constar esta nacionalidade, identifica-se e sente-se latina (semelhante a Carlos, por exemplo) e, principalmente, brasileira, pois esta foi sua principal referência cultural até o momento. Essa identificação, no entanto, não é simples nem suficiente, pois sabe que, na formação de sua história, existem muitos elementos deslocados. Seus progenitores, da mesma forma que ela, não possuem origens em um só lugar: são sujeitos híbridos e marcados por mudanças de países. As outras duas figuras importantes na formação de Vanja, Fernando e Carlos, também são migrantes. O primeiro é brasileiro, treinado pelo Partido Comunista da China e imigrante nos Estados Unidos. Carlos, melhor amigo de Vanja, é um imigrante ilegal salvadorenho. Além deles, as duas amigas de Suzana, peças fundamentais para a reconstrução da memória e da origem de Vanja, também são personagens híbridas:

June, filha de uma inglesa com um indígena americano, e Isabel, imigrante porto-riquenha.

A convivência com outros estrangeiros propicia um espaço de acolhimento para Evangelina, pois não há o conflito e a diferença gerados por ser “estrangeira”. O lugar de não-pertencimento torna-se um tipo de zona franca, onde há um elo e uma configuração familiar, na qual o excesso de diferenças traz um novo tipo de referência identitária: “éramos tão diferentes uns dos outros que as diferenças se anulavam, éramos uma grande uniformidade multiforme.” (LISBOA, 2014, p. 169).

2.2 *Ifemelu*

A história de Ifemelu também é contada através de lembranças de acontecimentos anteriores ao presente da protagonista, já adulta. A narrativa começa com Ifemelu chegando ao salão de beleza onde vai trançar o cabelo para voltar à Nigéria. Estamos, portanto, no fim de seu percurso pelos Estados Unidos e, de forma não linear, conhecemos situações de sua vida anterior, na Nigéria, e da chegada à América. A história de Obinze, o namorado de adolescência de Ifemelu, embora menos aprofundada, é contada em capítulos intercalados aos que falam da protagonista, de forma semelhante ao que acontece em *Azul Corvo* em relação a Fernando.

O romance de Ifemelu e Obinze é um dos fios condutores da história. Conhecemos o início da forte paixão adolescente que segue até a universidade. Os dois decidem estudar em Nsukka para estarem próximos da mãe de Obinze, que é professora da Universidade da Nigéria e passa por problemas de saúde. A vida universitária começa com o brilho da novidade, a independência e uma nova etapa para o relacionamento dos dois, com o início da vida sexual. Em certo momento, a Universidade entra em greve e, após muitos meses sem aula, Ifemelu decide seguir os conselhos de Obinze e de sua amiga Ginika e tentar uma vaga em uma universidade nos Estados Unidos, onde vive sua tia Uju. Sem muita convicção, Ifemelu acaba embarcando rumo ao estrangeiro, com a promessa de que Obinze irá encontrá-la após o término de seu curso para cursar pós-graduação e de que poderão viver juntos.

A chegada aos Estados Unidos é uma experiência de estranhamento e fascínio diante das novidades. Na Nigéria, Ifemelu tinha uma vida simples. Embora estudasse em uma boa escola, sua família era humilde e ela nunca havia tido a oportunidade de viajar a outros países. O imaginário sobre o país americano é frustrado assim que chega à casa de tia Uju, na região suburbana do Brooklyn, com a pobreza e a falta de beleza misturadas à escassez e às privações da vida difícil da tia migrante.

No entanto, Ifemelu conserva a esperança de que tudo melhore ao mudar-se para a Filadélfia, local de sua nova universidade: “Aquele primeiro verão foi o verão da espera para Ifemelu; a verdadeira América, pensava ela, estaria logo na próxima esquina” (ADICHIE, 2014, p. 122). Durante a espera, a protagonista sente o vazio da solidão: “Havia uma desolação em sua vida, uma aridez em brasa, sem pais, amigos ou lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era” (ADICHIE, 2014, p. 122). Os elementos de identificação relacionados à família e ao seu país de origem vão pouco a pouco se perdendo em meio a frustrações e recomeços no lugar de estrangeira.

Muitos anos depois, quando, em uma ligação aos pais, Ifemelu fala que está indo viver com o namorado Blaine, sem preocupar-se com os constrangimentos que esta notícia poderia causar aos familiares nigerianos, fica bastante ressaltada a mudança pela qual passou a protagonista desde sua chegada aos Estados Unidos: “Ignorar o pai e até dizer a ele que ia morar com um homem com quem não era casada eram coisas que só

podia fazer porque morava nos Estados Unidos. As regras haviam mudado, caído nas rachaduras da distância e do estrangeiro” (ADICHIE, 2014, p. 340).

A questão racial é outro elemento importante de formação identitária abordado no romance. Antes de ir aos Estados Unidos, Ifemelu, assim como seus colegas africanos, não tinha noção do que significava ser “negro”. Na Nigéria, a raça não era uma questão, e é nos Estados Unidos que passa a fazer sentido, a existir de fato, como algo pessoal.

As “histórias únicas” sobre a África e os africanos, as quais ocasionam um confronto entre a vivência individual e o estereótipo criado pela cultura ocidental – tema desenvolvido por Chimamanda Adichie em sua palestra no TED –, aparecem de forma significativa em *Americanah*. Um exemplo é o seguinte trecho: “Eles contavam, brincando, o que os americanos lhes falavam: Você fala inglês tão bem. Tem muita aids no seu país? É tão triste que as pessoas vivam com menos de um dólar por dia na África.” (ADICHIE, 2014, p. 152). É somente no convívio de Ifemelu com os outros alunos estrangeiros da universidade que há uma tentativa de identificação. Neste espaço, todos ocupam um lugar de não-pertencimento, e há uma cumplicidade silenciosa que não exige explicações, como na “uniformidade multiforme” dos familiares e amigos de Vanja em *Azul Corvo*.

Contudo, em *Americanah*, o grupo de não-americanos é apresentado de forma mais complexa e nem sempre com a mesma sensação acolhedora que a protagonista encontra no grupo da universidade. No salão de beleza onde Ifemelu está, antes de voltar para a Nigéria, a fragmentação e a complexidade do “ser africano” e dos negros de comunidades diaspóricas da América aparecem com maior ênfase, mostrando as diferenças de cada lugar. Através das personagens das cabeleireiras, cada qual de um país diferente, Ifemelu lembra também as diferenças étnicas existentes na Nigéria. Uma vez mais, a personagem é colocada em um lugar de pertencimento que é fluido, instável e dependente de um ponto de referência.

2.3 A conquista do espaço

A conquista de um espaço de pertencimento ou de adaptação acontece de formas diferentes para Vanja e Ifemelu. Enquanto Vanja precisa adaptar-se ao local físico que será sua residência permanente (a casa de Fernando), Ifemelu recomeça e desloca-se inúmeras vezes durante sua estada nos Estados Unidos. Na narrativa de Vanja, há um processo de reconhecimento territorial que ocasiona a sensação de pertencimento, de ser parte de algo. Ifemelu, por sua vez, conquistará um lugar que não é físico, mas virtual, através da escrita de seu *blog*. Nos dois romances, os locais onde vivem as protagonistas não são apenas espaços físicos, mas lugares permeados e marcados por vivências profundamente emocionais, que se relacionam todo o tempo a experiências, memórias e pessoas.

Os Estados Unidos, para Evangelina, embora sejam seu país de nascimento, são principalmente a representação da memória da mãe. O lugar não a identifica, ou ela não se identifica com ele. Ocupa, pelo menos inicialmente, a posição de estrangeira. O pertencimento acontece pouco a pouco e sempre a partir de um lugar de “outro”. No início, Lakewood é vista apenas como lugar de passagem, transitório, no qual não haveria laços: “Estar ali era estar em trânsito, e não tínhamos qualquer relevância para a vida um do outro: nem eu para Lakewood, nem Lakewood para mim.” (LISBOA, 2014, p. 24).

A marcação de um lugar seu naquele ambiente estranho acontece por outro deslocamento físico: através dos patins usados que Fernando lhe dá. A cena dos patins é muito simbólica, pois Vanja não pisa com seus pés naquela terra, está sobre rodas, que sequer são suas. Quem patina sabe que, muitas vezes, a sensação é de estar voando, ou flutuando sobre o espaço. Vanja, como uma pequena *flâneuse* de treze anos, segue seu trajeto pelo bairro assim, curiosa e observadora. Flutua no território para mapeá-lo, não o toca e só posteriormente o conquistará de fato: “Um quarteirão a mais por dia. Alargando meu círculo de influência. Marcando meu território num território que não era meu, como um animal bem-intencionado e equivocadamente marcaria usando seus fluidos corporais” (LISBOA, 2014, p. 28).

O espaço grande vai diminuindo e tornando-se familiar. Aos poucos, ela começa a identificar-se com o entorno; primeiramente, com o bairro mais humilde e sua solidão, os elementos conhecidos que permitem sentir alguma proximidade. Mais tarde, ocorre o movimento contrário, pois é justamente por causa da neve, o elemento físico mais distante da sua realidade carioca, que ocorre a primeira sensação de pertencimento: “Eu abri a boca na descida e engoli neve suficiente para promover uma espécie de autobatismo. Dali em diante eu era um deles. Era igual.” (LISBOA, 2014, p. 186). A partir desse momento, há uma mudança muito significativa, em que Vanja sai do entre-lugar e passa a pertencer: “Era preciso de todo modo, acatar que ali as coisas raramente conheciam meios-termos. E de todo modo o que importava era que agora eu era um deles, sim, análoga, comparável a, semelhante.” (LISBOA, 2014, p. 186).

Para Ifemelu, em *Americanah*, o desafio tem o rumo contrário, que é pertencer sem ser “um deles” e o esforço para não tornar-se uma “tremenda *americanah*” – aquela expressão que ainda tinha significado difuso quando dita anos atrás por Raniyudo para referir-se a outra amiga, mas que seguiu ecoando na memória da protagonista:

[T]odos urraram de rir com a palavra *americanah*, enfiada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava. (ADICHIE, 2014, p. 74).

A partir da escrita do *blog*, Ifemelu passa a olhar o ambiente de forma mais crítica e atenta. Os textos publicados no ambiente virtual mostram análises sobre a postura dos negros americanos e da sociedade em relação a eles. A importante distinção entre os afro-americanos e os africanos americanos, aqueles que migraram, posiciona os sujeitos entre quem pode ou não falar e propicia a Ifemelu pensamentos mais aprofundados sobre si e suas origens. Em certa passagem, a cunhada afro-americana de Ifemelu comenta:

“Sabe por que Ifemelu pode escrever aquele blog, aliás?” disse Shan. “Por que ela é africana. Está escrevendo do lado de fora. Na realidade, ela não sofre tudo aquilo sobre o que está escrevendo. São coisas excêntricas, curiosas para ela. Então pode escrever sobre isso, receber todos esses elogios e ser chamada para dar palestras. Se fosse afro-americana, ia ser considerada uma pessoa cheia de raiva e condenada ao ostracismo”. (ADICHIE, 2014, p. 365).

A fala de Shan marca um espaço de exclusão, de estrangeira, para Ifemelu. Embora a crítica da cunhada tenha fundamento, diante de um espaço social cruel e injusto que subjuga e silencia os afro-americanos, é possível perceber o lugar alheio e de não pertencimento em que se coloca o estrangeiro – posição que, em muitos

contextos, também leva ao silenciamento e à falta de oportunidades, como no início da jornada da protagonista, que passa por situações terríveis de isolamento. Sem ter condições de manter-se minimamente e recebendo apenas “nãos” em sua busca por emprego, chega a viver uma experiência de prostituição para ganhar os 100 dólares do aluguel.

O *blog* é um espaço de muitos significados no percurso de Ifemelu, é seu lugar nos Estados Unidos, virtual e móvel, mas um território seu. É através da escrita que ela pode refletir e dialogar com milhares de leitores sobre os mais diversos temas e garantir, além de estabilidade financeira, um espaço de autonomia. Essa escrita pode ser pensada como símbolo de algo mais profundo: a conquista de um lugar de fala, inter-relacionado ao lugar de escrita da própria Chimamanda Adichie. Ifemelu é uma mulher, negra e africana, uma subalterna⁷⁰ nos sistemas discursivos opressores, que conquista um lugar de fala, que abre espaços através da palavra.

2.4 A linguagem

As palavras são elementos de destaque nos percursos das duas personagens analisadas, não somente por uma delas ser narradora da própria história e a outra ser escritora de um *blog*, mas pelo caráter de tensão e fascínio que as palavras exercem na interação entre diferentes culturas. Tanto Vanja quanto Ifemelu convivem, desde a infância, com diferentes idiomas.

A protagonista de *Azul Corvo* tem o português como língua materna, e é ensinada pela mãe professora a falar inglês e espanhol, idiomas fundamentais para a possibilidade de deslocamento e que poderiam garantir seu sustento, assim como garantiram o de Suzana. Os idiomas funcionam como uma chave de acesso a todos os mundos que Vanja necessita para sua viagem em busca de si. As línguas, que se tornam uma espécie de herança, proporcionaram, além de uma profissão para a mãe da protagonista, a possibilidade de seu reencontro com o Brasil. Por causa dos alunos, Suzana precisa recuperar seu idioma e seu país:

Aqueles poucos americanos interessados no Brasil fizeram com que minha mãe recuperasse o Brasil, o que ela fez de modo meio canhestro, a princípio, com a falta de jeito do filho nada pródigo que volta para casa com as mãos nos bolsos e as orelhas murchas (LISBOA, 2014, p. 38).

Para Vanja, o inglês é inicialmente uma língua estrangeira, uma língua que marca seu lugar de “outra”:

Eu ia, por exemplo, comprar um sanduíche. Fazia o meu pedido com o máximo de esmero, lembrando o inglês perfeito da minha mãe, arrumava cada vogal e cada consoante na minha boca com cuidados de feng shui. Dali a alguns instantes a moça no caixa me perguntava de onde eu era. Caramba: como é que os outros escutam na sua fala algum sotaque, se você não escuta? (LISBOA, 2014, p. 97).

⁷⁰ A partir dos estudos de Gayatri Spivak, pensamos na figura do subalterno na produção colonial e a inexistência de lugares de fala e possibilidades de autoexpressão para estes sujeitos. Nestes contextos, o sujeito feminino é ainda mais oprimido, por ser já o outro em qualquer sistema patriarcal. Segundo Spivak, “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, [e] o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2012, p. 85).

Posteriormente, esta linguagem vai se tornando tão híbrida quanto a própria personagem, e algumas expressões só podem ser ditas no idioma novo, pois só haviam sido usadas naquele contexto:

Outra coisa que acontece quando você passa tempo demais longe de casa é que se depara com certas novidades no lugar novo através do idioma novo e daqui a pouco a língua que fala é uma estranha combinação de sintaxe em sua língua nativa mais um léxico de duas caras. Eu não dizia labirinto no milharal, dizia *corn maze* (LISBOA, 2014, p. 143).

Ifemelu passa por situações muito semelhantes nos Estados Unidos, mas o significado que a linguagem tem em seu processo identitário é distinto. Ifemelu precisa assumir a variante nigeriana e o significado que isso tem como elemento de pertencimento, enquanto, no processo de Vanja, a busca é pela aceitação do plurilinguismo como possibilidade de expressão identitária.

O inglês é uma das línguas de origem de Ifemelu, juntamente com o igbo, já que, na Nigéria, além do idioma europeu, há a permanência das línguas de cada etnia. Mas, por falar outra variante do mesmo idioma, algumas pessoas tratam Ifemelu como se ela não fosse uma falante nativa e, até mesmo, dizem não entender o que ela está dizendo. Na semana de matrícula na universidade, Ifemelu pede uma informação para uma aluna, que começa a dizer pausadamente cada palavra da resposta:

Ifemelu deu um meio sorriso de pena, porque Cristina Tomas certamente tinha alguma espécie de doença que a fazia falar tão devagar, com os lábios espremidos fazendo um beicinho para ensinar o caminho até o departamento de alunos estrangeiros. Mas quando voltou com a carta, Cristina Tomas disse “Eu. Preciso. Que. Você. Preencha. Alguns. Formulários. Você. Entende. Como. Preencher. Estes. Aqui??”, e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa *dela*, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. “Eu falo inglês.”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala *bem*.” (ADICHIE, 2014, p. 147, grifos no original).

A partir daquele momento, Ifemelu decide treinar um sotaque americano simplesmente para ficar em paz. Mas, tempos depois, um simpático atendente de *telemarketing*, ao saber a origem de Ifemelu, ao final do telefonema lhe diz, em tom de elogio, “Você parece uma americana falando” (ADICHIE, 2014, p. 191), e então ela decide parar de fingir. Com a crescente vergonha e a sensação de ter “vencido” pessoas como Cristina Tomas, com um triunfo vazio, Ifemelu decide assumir seu sotaque e ser quem é: “Sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço oco, porque ela assumir, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus. Assim, ela acabou de comer os ovos e decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano.” (ADICHIE, 2014, p. 191).

No caso de Vanja, acontece o oposto: a “perda” do sotaque, que simboliza a incorporação, a aceitação positiva de sua identidade americana. Não há perda de fato; há um acréscimo identitário, ao aceitar-se como brasileira e também como americana, ou, em melhor perspectiva, como alguém que é híbrido e plural. Ao final da narrativa, a linguagem marca o processo de mudança da personagem, mostrando a realidade de pertencimento e de transformação: “Não sou de falar muito. Mas as pessoas já não ouvem sotaque quando eu falo.” (LISBOA, 2014, p. 297). Ela passa a apropriar-se da língua estadunidense, sem perder as outras formas de comunicação.

2.5 O retorno

Nos dois romances, acompanhamos o percurso de retorno das protagonistas aos locais de origem. Para Vanja, a volta se dá por curto período e sem muito aprofundamento narrativo, enquanto para Ifemelu há permanência e desenvolvimento de acontecimentos, como o reencontro com Obinze que leva ao “final feliz” da protagonista. Mas, em ambos os casos, é possível perceber a tensão ocasionada por um retorno que, na verdade, não acontece, pois já não se trata do lugar de onde se partiu.

Além das mudanças óbvias pelas quais passa um local, assim como os sujeitos que o habitam, a ida de Vanja ao Rio de Janeiro não é a volta para casa por já não ser o lugar físico o que ela entende como lar. Após todo o seu percurso de reconhecimento identitário, o pertencimento passa a ser um lugar na memória, em si mesma e sempre em movimento, nunca estático, nunca igual: “As coisas estavam iguais e diferentes. Sete anos tinham se passado desde que eu havia ido embora e talvez as células da cidade já tivessem todas sido substituídas por outras. A cidade era a mesma e não. A cidade era outra e não.” (LISBOA, 2014, p. 291).

A visão da cidade é espelho da própria Vanja, que já é outra e também a mesma. Mais adiante, há uma reflexão sobre o lugar que mostra Vanja madura, que já se conhece e reconhece como parte de diferentes espaços: “Num belo dia eu me dei conta de que não tinha importância o país onde eu estava. A cidade onde eu estava. Outras coisas tinham importância. Não essas” (LISBOA, 2014, p. 293).

Em *Americanah*, a volta para a Nigéria é desde o início do romance o sonho idílico de Ifemelu, o desejo de encontrar-se, de pertencer. No entanto, a busca pela origem também se vê frustrada; aquele que vai não volta o mesmo e nem ao mesmo lugar: “Assim, Ifemelu teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar. Será que sempre tinha sido daquele jeito ou tinha mudado tanto em sua ausência?” (ADICHIE, 2014, p. 415). Ifemelu passa a ser uma *americanah*: “‘*Americanah!*’, brincava Ranyiudo sempre. ‘Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!’” (ADICHIE, 2014, p. 416).

Com o desenvolvimento da narrativa, acompanhamos novos recomeços na vida de Ifemelu e os processos de adaptação a um lugar que um dia havia sido seu e que agora exige as mesmas negociações que os deslocamentos a novas culturas exige, negociações como um “estrangeiro familiar”, como define Stuart Hall (2008, p. 115). Através do reencontro com Obinze e da criação de um novo *blog* sobre os costumes de Lagos, Ifemelu sinaliza novas perspectivas e a ideia de que o pertencimento e os elementos de identificação são sempre impermanentes, são partes de um jogo constante de busca e reconstrução.

3. Considerações finais

A partir dos estudos teóricos sobre identidade, em especial os desenvolvidos por Stuart Hall, percebemos a impossibilidade de fixidez das identidades, visto que estas fazem parte de um processo constante de formação, marcado pela oferta de identificações e experiências adquiridas pelos indivíduos ao longo de cada etapa de vida. Os deslocamentos culturais pressupõem novas possibilidades de identificação e, com isso, a necessidade de outros processos de negociação das identidades, muito presentes em sujeitos migrantes. Além disso, como abordado ao longo do texto, no caso

das mulheres, cujas negociações identitárias já são bastante constantes e complexas nas sociedades patriarcais, as dificuldades advindas do lugar de estrangeiras são ainda mais acentuadas em contextos migrantes.

Nesta reflexão, foram feitas aproximações possíveis entre as produções de Adriana Lisboa e Chimamanda Adichie, especialmente nas experiências narrativas das protagonistas Vanja, de *Azul Corvo*, e Ifemelu, de *Americanah*. Nos percursos identitários das duas personagens migrantes, há elementos que indicam necessidade de criação de espaços de pertencimento. A busca pela formação de laços, os grupos dos quais se aproximam, as vivências entre diversas culturas e diferentes espaços territoriais, com suas “uniformidades multiformes”, contribuem para as formações identitárias de Vanja e Ifemelu, cujas raízes crescem fixadas não no lugar comum do pertencimento nacionalista, mas na vivência, no processo de alteridade e na reconstrução de memórias e experiências.

É possível perceber, através das narrativas, o quão complexo é o reconhecimento ou a formação identitária de um sujeito migrante. Ao acompanharmos o percurso das duas personagens, podemos notar que tanto os filhos de migrantes quanto aqueles que vivenciam por si mesmos o processo de deslocamento podem sentir a falta de raízes no país onde vivem, encontrando maior acolhida em grupos de sujeitos que vivem a mesma situação, sujeitos esses que, apesar de originários de diferentes contextos socioculturais, apresentam dificuldades de adaptação muito parecidas em relação à convivência com o outro e com as questões linguísticas.

Os deslocamentos de Vanja e Ifemelu podem ser considerados processos pouco dramáticos ao levarmos em conta as questões sociais que envolvem os migrantes, principalmente ilegais (como são outras personagens das narrativas). Por diferentes motivos (uma por ser cidadã americana e a outra por conseguir o *Green Card* através do trabalho e dos contatos do namorado americano), nenhuma das protagonistas apresenta problemas neste sentido e, portanto, as obras enfatizam outros aspectos das vivências de deslocamento, que se referem a questões mais íntimas e mais focadas nas identidades individuais.

Além disso, principalmente a partir das reflexões de Ottmar Ette sobre escritas “desfronteirizantes” e a ideia de vetorização da literaturas, foi possível estabelecer pontos de contato entre as experiências pessoais das autoras e os lugares discursivos de suas obras, que permitem pensar em um contexto literário mais dinâmico em suas relações e referências e em processo de diálogo mais aberto com outras literaturas e culturas. Estas propostas pretendem oferecer a possibilidade de repensar as fronteiras estabelecidas pela ideia de tradições nacionais, abrindo maior espaço de discussão no comparatismo, de modo que os estudos teóricos acompanhem os diferentes deslocamentos que vivemos hoje.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. **O perigo da história única**. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- ETTE, Ottmar. **Sabersobreviver: a (o)missão da filologia**. Curitiba: UFPR, 2015.
- _____. **Literatura en movimiento**. Trad. (esp.) Rosa Maria S. de Maihold. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.

- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2008.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LISBOA, Adriana. **Azul Corvo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- OUELLET, Pierre. Palavras Migratórias. Trad. Luciano Passos de Moraes. In: _____. HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie (Orgs.). **A literatura na história. A história na literatura**: textos canadenses em tradução. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 145-170.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença** – A Perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004. p. 7-72.